

Preocupação de Chico Xavier quanto ao avanço da Doutrina. — O seu trabalho

31 — 7 — 1946

"(...) Continuo fazendo votos a Deus para que tudo aí se processe calmamente. Sentindo a delicadeza da hora que atravessamos, rogo a Jesus nos guie na luta e te inspire na ação. Tenho receio de que se forme uma ala de descontentes e revoltados em torno de tua administração que vem produzindo tantos frutos benéficos e substanciais. Encontro-me, porém, em prece, pedindo ao Alto nos ajude e ilumine a todos (...).

Grato pelas informações que me envias, quanto ao "Obreiros da Vida Eterna". Fizeste muito bem, colocando o texto de acordo com o quadro de apresentação da capa. A tua idéia de modificar a expressão foi muito feliz. (...)"

Seis dias depois, Chico escreve novamente a Wantuil e, logo no início, refere-se às preocupações de ambos em relação à Assembléia da FEB que se aproximava.

Reconhece, mais do que ninguém, os "frutos benéficos e substanciais" que a administração de Wantuil de Freitas produz. Este fato o leva a reear que se forme uma "ala de descontentes e revoltados", pois sabe, à sa-

cidade, que quando o trabalhador se empenha e persevera na obra do bem os resultados positivos se fazem sentir, mas logo surgem aqueles que não se afinam com tais resultados. Que sempre pensam poder fazer melhor. Que sentem inveja e ciúme. Que se revoltam por não serem responsáveis pelo êxito. Ou, ainda, aqueles que, tendo uma outra ótica da tarefa, não se conformam com os métodos adotados.

Intercalando os seus comentários sobre o assunto, menciona o livro de André Luiz, "Obreiros da Vida Eterna", e deixa claro que está de acordo com a providência de Wantuil quanto a determinado texto em relação à capa. O mesmo acontece quando ele modifica uma expressão. A identificação entre os dois se torna, a cada dia, mais evidente.

Wantuil tem condições de argumentar, sugerir e modificar. Está à altura dessa tarefa. E consoante o espírito de liberdade existente entre ambos, quando não estão de acordo sobre algum ponto não há constrangimento nessa discordância, mas, sim, troca de idéias até que o pensamento se harmonize para o bom êxito do labor a que se dedicam.

"(...) Imagino a tua luta nos círculos grandes do trabalho a que foste chamado. Estou praticamente num retiro distante, em pleno sertão, e, pelo pouco que vejo e sinto, às vezes me reconheço quase vencido pela extensão dos embates morais... Então, passo a calcular o que será a tua batalha enorme sob o fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis. Deus te guarde e te conceda forças para prosseguir."

Chico avalia a extensão das lutas de Wantuil "nos círculos grandes do trabalho". De longe, do "retiro distante", que as características do seu labor assim o exi-

giam, Chico se mantém sintonizado com a tarefa ingente encetada por Wantuil de Freitas.

As tarefas dos dois, embora diferentes, se completam.

O trabalho de Chico Xavier para a recepção dos livros, das mensagens do Mundo Espiritual Maior, exige uma certa reclusão, um ambiente que não lhe traga problemas de cunho administrativo, mesmo os de âmbito menor, e um pequeno grupo de companheiros também afinizados com o seu ministério apostolar, que lhe garanta um mínimo de tranqüilidade imprescindível para levá-lo adiante.

Já Wantuil de Freitas, espírito decidido, culto, dinâmico, bastante avançado para a sua época, é bem aquele desbravador que a FEB necessita àquela hora — para ampliar o trabalho do livro e sedimentá-lo, sem, contudo, descurar-se de todas as outras imensas atividades afetas à Federação e que, igualmente, merecem da sua conhecida competência toda dedicação e empenho para o seu desenvolvimento constante. Durante a sua administração, momentos cruciais e decisivos enfrentados pela FEB, por Chico Xavier e pelo próprio Movimento Espírita foram por ele superados com o necessário descortino, zelo e inspiração.

Chico descreve muito bem a posição difícil de Wantuil: "Então, passo a calcular o que será a tua batalha enorme sob o fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis."

Os encargos administrativos, conquanto por vezes sejam muito cobichados, são bastante espinhosos, quando se deseja realmente servir a Jesus.

Aquele que ocupa um cargo diretivo é sempre alvo da análise crítica dos que o circundam. Está em posição de destaque pela natureza do encargo, mas carrega nos ombros graves responsabilidades das quais deve desin-

cumbir-se do melhor modo possível, se não quiser atrair para si, no futuro, pesado ônus.

Assim, os que ocupam cargos diretivos nas instituições espíritas, em especial os presidentes, têm sempre compromissos assumidos no Plano Espiritual Maior, que deles aguardam testemunhos de fidelidade e amor à Causa.

No caso específico de Wantuil de Freitas houve toda uma programação conjunta para que ele desse a necessária cobertura, para que incrementasse e impulsionasse o trabalho missionário de Chico Xavier. Mas, não apenas esse trabalho, e, sim, todos os demais que são pertinentes à Casa-Máter do Espiritismo no Brasil. Ao longo de sua profícua administração à frente da Casa de Ismael veremos os traços marcantes de sua passagem, de sua ação dinâmica e por vezes pioneira, ficando assim o seu nome registrado condignamente na história do Espiritismo no Brasil.

Pela importância de sua missão, naquele momento, Wantuil foi alvo, como não podia deixar de ser, do "fogo cruzado das opiniões contraditórias e das atitudes incompreensíveis", como observa Chico Xavier.

A obra do bem é árdua e seu caminho juncado de espinhos. Os que desejam servir a Jesus, os que estão compromissados com Ele, os que escolheram a "porta estreita" não devem esperar flores sob os seus passos e os aplausos imediatos às suas atitudes. Em verdade, os discípulos que se conservam fiéis caminham enfrentando asperezas e obstáculos, quase sempre solitários e incompreendidos. E quanto mais ampla, quanto mais extensa for a responsabilidade do cargo, maiores serão as investidas negativas. Quase ninguém se lembra de oferecer as suas forças para ajudar. Pouquíssimos estão prontos a cooperar e a entender que a obra não é nossa, não é de A ou B, mas de Jesus. Que estão servindo não a este ou àquele, mas à Doutrina Espírita.

Por isso, não é nada fácil enfrentar esse “fogo cruzado” que Chico menciona. Isto porque o servidor atento e fiel não irá revidar com as mesmas “armas”, no mesmo padrão, no mesmo nível. Sua defesa serão seus atos, os exemplos que der, os resultados que apresentar. Terá que ser tolerante sem ser conivente ou omissivo. Deverá ser firme e decidido na sua atuação, sem que isto expresse ou signifique qualquer tipo de agressão. Por certo, ocorrerem erros, falhas e enganos, e isto é natural, já que ninguém é infalível. Mas, há que se levar em consideração os acertos, os pontos positivos, os resultados benéficos e que dão um saldo favorável, atestando a validade e a qualidade do trabalho.

Principalmente, aquele que está à frente de qualquer instituição, deverá caminhar com a serenidade que advém da certeza de que jamais conseguirá agradar a todos. Sempre haverá por perto alguém que lhe cobre mais. O essencial é que haja em seu íntimo a noção do dever cumprido.

Seja Jesus o nosso exemplo, o modelo que o Pai enviou aos homens, conforme está na resposta à questão 625 de “O Livro dos Espíritos”.

“Creio que estamos numa hora séria do Espiritismo no Brasil. A Doutrina avançou muito no terreno da estatística, da aceitação. Precisamos pensar que 400 a 500 mil pessoas declararam-se espíritas no recenseamento em 1940. Como atender aos interesses espirituais dessa comunidade tão grande? Como dar-lhes o pão da alma? Como organizar, isto é, auxiliar a organização dos núcleos iniciantes? Por que processo orientar os milhares de almas que começam, ajudando-lhes a manter a claridade do bom ânimo? Os famintos e sedentos de consolação e de esclarecimento chegam em grande número às nossas fileiras, todos os dias. Como ampará-los e satisfazê-los? Essas

perguntas dão-me tristeza. Sei que a obra é de Jesus, que o serviço é do Alto, mas não ignoramos que os Mensageiros Divinos precisam de mãos humanas. Diz Emmanuel que “não pode haver operação sem cooperação” e fico a cismar, meu caro amigo, sobre este mundo enorme de trabalho com que somos atualmente defrontados. Sou um nada, uma migalha de pó, bem o sei. E por isso mesmo, sentindo a minha insignificância, peço a Jesus, meu amigo, te guarde o coração no grande ministério de orientação em que te encontras. (...)”

Texto atual esse, observadas as devidas atualizações estatísticas para a nossa época, quase quarenta anos depois.

As indagações de Chico Xavier merecem a nossa análise. Transcorridas essas quase quatro décadas já podemos ter algumas respostas. Ou enxergar os rumos que conduzem a soluções objetivas e práticas.

Como estamos hoje?

O próprio trabalho de Chico Xavier trouxe a principal contribuição para minimizar os problemas que ele relaciona. Para clarificar os caminhos.

A partir da sua obra psicográfica, uma nova mentalidade se forma no meio espírita. Seus livros indicam, eles mesmos, as respostas às indagações que ele fez naquele instante.

Hoje, em todo o País circulam as suas obras mediúnicas, numa clara resposta da Espiritualidade Maior, que zela para que o Consolador prossiga em seu avanço progressivo. Diz-nos o Espírito de Verdade:

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, qual imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm

iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.” (“O Evangelho segundo o Espiritismo”, Prefácio.)

O que vemos na atualidade é a confirmação plena dessas palavras.

Com os livros psicografados por Chico Xavier ampliou-se o gosto pelo estudo. Como também se formou uma consciência do quão pouco sabemos e do quanto há para aprender. Novos horizontes, amplas perspectivas se abriram. Foi como se no espaço profundo da nossa ignorância se descerrasse uma imensa cortina mostrando aos nossos olhos deslumbrados os planos do infinito. Cada novo ensinamento nos recorda alguma coisa ou nos desperta para a razão. O raciocínio se amplia, a mente adquire aos poucos uma lucidez que tende a se expandir a cada momento.

Enquanto essa abençoada produção mediúnica, toda ela alicerçada na Codificação Kardequiana, nos abre perspectivas ilimitadas e impele-nos à transformação moral que caracteriza o verdadeiro espírita, conforme preconiza Allan Kardec, Chico Xavier espelha, ele próprio, o exemplo edificante do fiel discípulo do Senhor.

Mas, recordemo-nos, por uma questão de justiça, de que antes dele vamos encontrar também figuras exponeciais que igualmente exemplificaram, através de suas vidas, qual deve ser a atitude do verdadeiro espírita, e que merecem o nosso carinho e respeito: Bittencourt Sampaio, Bezerra de Menezes, Antônio Sayão, Cairbar Schutel, Anália Franco, Adelaide Câmara, Eurípedes Barsanulfo, Zilda Gama, José Petitinga, Guillon Ribeiro, para citar apenas alguns, que se dedicaram integralmente a Jesus.

Quando Chico Xavier inicia a sua tarefa, vem atender exatamente à grande expansão que a Doutrina Espírita teria dali para a frente. Fazia-se, pois, necessário incrementar a sua propagação mediante o livro, que che-

garia a todos os rincões, suprimindo assim as carências humanas.

Com que emoção podemos, hoje, responder ao amigo Chico Xavier quando ele pergunta a Wantuil de Freitas: “Como atender aos interesses espirituais dessa comunidade tão grande? Como dar-lhes o pão da alma? Como organizar, isto é, auxiliar a organização dos núcleos iniciantes? Por que processo orientar os milhares de almas que começam, ajudando-lhes a manter a claridade do bom ânimo? Os famintos e sedentos de consolação e de esclarecimento chegam em grande número às nossas fileiras, todos os dias. Como ampará-los e satisfazê-los? Essas perguntas dão-me tristeza. Sei que a obra é de Jesus, que o serviço é do Alto, mas não ignoramos que os Mensageiros Divinos precisam de mãos humanas.” Sim, querido Chico, os Mensageiros Divinos utilizaram-se de suas mãos generosas e produziram milhares de páginas consoladoras, milhares de conceitos esclarecedores que beneficiam hoje milhões de criaturas, derramando sobre elas o bálsamo da consolação, a luz do esclarecimento e abrindo-lhes as janelas da esperança de uma vida que não cessa no túmulo, que prossegue além da morte física, de uma vida que não se extingue porque continua *ad infinitum*, possibilitando transformar o ódio em amor e fortalecendo os amores já existentes, que se sublimam à medida em que se despojam de todo o humano egoísmo.

Esse o pão para as almas, Chico, que você ajudou a repartir.

Estimulados, os espíritas integrados na seara desdobraram já alguma parte desse riquíssimo acervo de ensinamentos. Escritores, oradores, jornalistas, expositores, estudiosos de várias procedências foram despontando e, embora sejam em pequeno número, comparados à grande procura, a essa massa imensa de pessoas que buscam a Doutrina, estão realizando um trabalho de grande alcan-

ce cujos frutos, por ora, apenas começamos a entrever. Novos núcleos espíritas surgiram. Os Centros proliferaram, as instituições assistenciais se multiplicaram. Conquanto possamos fazer restrições, em certos casos, quanto à preservação doutrinária, à qualidade do labor, ou a vários outros aspectos, o fato é que imbuídos de boa vontade e boa-fé muitas almas se arregimentaram para o trabalho da sementeira.

Por outro lado, o trabalho iniciado por Guillon Ribeiro e avivado por Wantuil na Federação Espírita Brasileira, com a ampliação da editora febianiana, tem recebido continuamente, das administrações subseqüentes, o impulso necessário para que a gigantesca obra de divulgação da Doutrina Espírita, através do livro, atenda às necessidades de cada momento.

Assim é que a FEB tem, atualmente, um dos mais modernos parques gráficos do país, do qual todos nos orgulhamos.

A Unificação ganhou consistência, mormente a partir do Pacto Áureo. O sistema federativo foi aperfeiçoado. Com o transcurso do tempo, as idéias e os ideais amadureceram. O ideal de união tornou-se maior e mais firme a cada dia. Há uma aceitação e afinização dos Estados em torno da Federação Espírita Brasileira, graças, principalmente, à criação de um importante método de trabalho que são as *Zonais*. Entendeu-se, finalmente, que a FEB não dita normas. Nunca teve e não tem a pretensão de *governar*. Não avoca para si o poder — se é que na simplicidade e singeleza da prática da Doutrina Espírita se possa enxergar alguma forma de poder temporal ou material. Não há *poder* algum em nosso meio. Isto não existe. Como não há supremacia alguma, a não ser a que advém das conquistas espirituais, mas, estas, por isso mesmo, não se jactam, não se impõem e nem procuram o aplauso passageiro do mundo. Se se torna evidente, é tão-somente

pelos resultados que apresenta, o que, como é óbvio, suscita reações contrárias.

As bênçãos do Alto têm sido pródigas e incessantes, todavia vemos com pesar a cizânia em nossas fileiras. As dissidências, bem o sabemos, existem, mas não deixam de ser naturais se levarmos em conta a multiplicidade de níveis de compreensão, a vasta gama de estágios evolutivos. Querer que todos pensem de maneira idêntica, que haja unificação de pensamentos, é uma utopia. Há mesmo salutar efeito nessa variedade, pois as contribuições se diversificam e são essas diferenças que caracterizam cada ser humano. Entretanto, com o tempo, os homens se tornarão mais amadurecidos. O Espiritismo será melhor apreendido e as divergências tenderão, portanto, a diminuir. E acabarão por desaparecer (ainda que nos pareça tardar muito esse momento), como nos assevera o Espírito de Verdade: “Tenho-vos dito que a unidade se fará na crença espírita; ficai certos de que assim será; que as dissidências, já menos profundas, se apagarão pouco a pouco, à medida que os homens se esclarecerem e que acabarão por desaparecer completamente. Essa é a vontade de Deus, contra a qual não pode prevalecer o erro.” (“O Livro dos Médiuns”, Cap. XXVII, Item 301.)

Evidentemente, com o aumento considerável de pessoas que buscam o Espiritismo, muita coisa há para ser feita. Muitas lacunas, muitas falhas, muito o que aprimorar. Mas não podemos exigir e cobrar nada de quem quer que seja. Tudo vem a seu tempo. Estamos vivendo a hora em que a mensagem do Espiritismo está sendo espalhada como sementes de luz em milhares de corações. Como na parábola, as sementes encontrarão terreno árido, ou fértil. Não tenhamos pressa ou ansiedade pelos resultados. Trabalhem no campo que nos foi confiado, fazendo o melhor. Se o nosso irmão ainda não assimilou a mensagem da Doutrina, compete-nos ajudá-lo com o

nosso exemplo, com a permuta de experiências, com o estudo fraterno. Cada um está situado no campo de suas aquisições pessoais. O somatório de todas essas realizações formam o Movimento Espírita. São as "mãos humanas" que os Mensageiros Divinos procuram.

Compete-nos avaliar, em auto-análise criteriosa, qual tem sido a nossa contribuição para a Doutrina. De que maneira colocamos as nossas mãos a serviço desses Mensageiros Divinos.

Terminando as suas reflexões em torno do Movimento Espírita, Chico se diz "um nada, uma migalha de pó", e deixa claro que ele próprio não tem noção de como poderá auxiliar efetivamente. Diz da sua insignificância, da sua pequenez espiritual. E nos dá, assim, a exemplificação da verdadeira humildade, na grandeza de suas conquistas íntimas. Como missionário que é, não se dá conta disso e nem tem a pretensão de sê-lo. Não se julga maior ou melhor, ao contrário, tem consciência do muito que lhe falta ser. Porque já pode entrever a magnitude das esferas elevadas, entende o quanto há de grandiosidade na infinita espiral evolutiva, perante a qual ainda se acha na posição de uma migalha de pó.

Por isso, Chico Xavier diz ao amigo que apesar de sua insignificância estará vibrando por ele e pedindo a Jesus "te guarde o coração no grande ministério de orientação em que te encontras".

Toda tempestade é transitória

15 — 9 — 1946

"(...) Gratíssimo pelas notícias do nosso prezado Ramiro Gama. Ainda não vi o "Nosso Guia", a que aludes. (...) De São Paulo me perguntaram se eu li o "Mundo Espírita", a que te referiste (...) mas o correio não mo entregou, até hoje. (...) Por falar no Ismael, como vai ele? Não tenho notícias diretas desse nosso amigo desde muitos dias.

Espero que o ambiente na Federação esteja calmo. As informações que me deste, relativamente ao Dr. Roberto Macedo, são muito confortadoras. Faço votos para que o movimento continue construtivo, reconfortante. A mensagem de Bittencourt, de 28 último, da qual me mandaste cópia, é excelente. Referir-se-á ele, porventura, ao livro "Regina", sobre o qual mantive, certa vez, uma conversação com Dr. Guillon? Sei que o Grupo espera essa obra, há muito tempo. (...) É um pensamento que me consola sempre, o que nos faz sentir que toda tempestade é transitória, que toda perturbação é aparente.

Agradeço-te as notícias do retrato de André Luiz. (...) Aguardo, com justificado interesse, o teu trabalho sobre "Kardec-Roustaing". Deve ter sido um esforço exaustivo, mas muito lindo, o de procurar notícias das